
RELAÇÕES ENTRE FILOSOFIA, TEOLOGIA E CIÊNCIA A PARTIR DA ATUALIZAÇÃO DA “CARTA AO PAPA CLEMENTE IV”

*Eliézer dos Santos Oliveira**

Resumo: Este artigo é uma tentativa de reinterpretação do irrequieto e incompreendido filósofo, teólogo e cientista Roger Bacon (1210-1294) para além das *apologias medievais* e dos *preconceitos modernos*, tanto quanto isto seja possível. O artigo centra-se em sua “*Carta ao papa Clemente IV*”, embora utilize também outros autores com os quais se buscou dialogar no intuito de atualizar a produção de R. Bacon. Para isto, desconstruiu-se a imagem que a modernidade científicista pintou de R. Bacon. Assim, redescobriu-se a complexidade, interdisciplinaridade, globalidade e a moralidade de seu saber, a fim de compreender as novas, possíveis e necessárias relações entre filosofia, teologia e ciência orientadas pela ética e permeadas por diferentes saberes.

Palavras-chave: Roger Bacon; filosofia; teologia; ciência; interdisciplinaridade; complexidade.

1. Vida e obras

Nós somos anões assentes nos ombros de gigantes, vemos mais e mais longe que eles, não por causa da acuidade da nossa vista ou da nossa grande altura, mas porque somos apoiados e erguidos pela sua estatura de gigantes.¹

Os períodos de crises exigem e produzem grandes personalidades, cujo destaque reside nas qualidades abrangentes de erudição, universalidade, caráter, paixão, pensamento, espírito de aventura, domínios científicos, literários, artísticos e técnicos,

* Bacharel e Licenciado em Filosofia, cursou Teologia, Especialista em Docência Superior pela UCPEL, onde é professor. Mestrando em Educação/linha Filosofia e História da Educação – UFPEL.

¹ Bernardo de Chartres. Apud. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. p. 209.

etc.²Tais gigantes compartilham da mesma concepção de Hegel: “Por homens cultos devemos entender, antes de tudo, aqueles que são capazes de fazer tudo o que os outros fazem”³. Estes não se limitam ao papel que lhes cabe na divisão social do trabalho. R. Bacon (1210-1294) é um destes espíritos inquietos e globais, gestado num mundo envolto em muitas crises⁴ e que não se deixou desumanizar pela especialização⁵. Pouco se sabe de sua biografia, a data de seu nascimento – em Ilchester – é incerta, entre 1210 e 1216. Era filho de família abastada, estudou na Faculdade de Artes de Paris (1236), depois foi a Oxford⁶ (1251), onde já havia ouvido Grosseteste⁷ (antes de 1236) e ingressou na Ordem Franciscana

² Cf. MARX; ENGELS. *Textos sobre Educação e Ensino*. p. 59.

³ HEGEL. *Filosofia do Direito*. Apud. MARX; ENGELS. *Textos sobre Educação e Ensino*. p. 32.

⁴ Breves traços de seu contexto histórico: Contradição entre a riqueza das autoridades eclesiásticas e a pobreza das ordens mendicantes; o enfrentamento de grupos considerados heréticos – por exemplo os cátaros; o Quarto Concílio de Latrão que aumentou o poder papal considerando-o “Vigário de Cristo”, o aprofundamento do cisma entre as Igrejas Latina e Grega; o Concílio de Lyon I que depôs o Imperador Frederico II; as excomunhões, as Cruzadas – da IV até a VIII, contando inclusive com crianças de 12 anos; a fundação das universidades; a Inquisição é tornada pública; as viagens de Marco Pólo, o pré-capitalismo, o surgimento dos burgos, o renascimento comercial, as difíceis relações entre Oriente e Ocidente (até hoje tensas), o declínio do poder da Igreja e do Feudalismo, etc.

⁵ “Se nos lembrarmos de que o animal é um especialista perfeito (pois toda sua capacidade de aprender se fixa num único trabalho a ser realizado), concluiremos que o programa educacional que apenas formasse especialistas teria como resultado a animalização da mente e da alma humana. (...) O culto exclusivista da especialização desumaniza a vida do homem.” MARITAIN, Jacques. *Rumos da Educação*. p. 39-40.

É impossível denominar Roger Bacon com uma qualificação, sem que, ao mesmo tempo, não se prejudique a abrangência da vida do *Doctor Mirabilis* (Admirável Doutor). Chamá-lo de *Discípulo de Grosseteste*, *Frei*, *Teólogo*, *Filósofo*, *Cientista*, *Crítico*, *Filólogo*, *Professor*, *Matemático*, *Tradutor*, *Místico*, *Físico*, *Químico*, *Astrólogo*, *Inventor*, *Pesquisador*, *Reformador*, *Precursor da Modernidade*,... equivale expressar suas facetas e também distorcê-lo, pois a sua ação ultrapassou todas estas designações.

⁶ Paris era a grande referência do *trívio* (gramática, retórica e dialética) e Oxford era expressão do *quadrívio* (aritmética, geometria, música e astronomia). Em Oxford nasce o gérmen de uma filosofia empírica da natureza que desabrochará na modernidade, sendo por isto, considerada a raiz da modernidade em plena Idade Média.

⁷ Robert Grosseteste (1168-1253): Principiador do naturalismo e da experimentação, escreve sobre som, astronomia, geometria, ótica (espelhos e lentes), matemática; Fundador da Escola Franciscana de Oxford; Mestre inspirador de Roger Bacon; Personagem central da primeira metade do século XIII na Inglaterra; Estudou na Universidade de Paris e Oxford e tornou-se

(1251-1254). Parece não ter assumido o sacerdócio. Teve sérios problemas disciplinares com a Ordem, foi obrigado a abandonar o magistério (exercido entre 1251 e 1257) e foi para Paris, onde seguiu sendo combatido. Em seus escritos, inclusive na *Carta ao Papa Clemente IV*⁸, queixa-se de falta de incentivo, enfermidades, perseguições, boicotes, falta de recursos financeiros, humanos, bibliográficos e técnicos para realizar suas pesquisas. Depois da morte do papa, sofrerá censuras ainda mais pesadas (1277- 1278) e a consequente condenação da Ordem a 14 anos de prisão no convento (1278-1292), da qual não fugiu.

R. Bacon começa a escrever antes de ingressar na Ordem. Em Paris (1245-1247) escreveu alguns comentários à *Física* e à *Metafísica* de Aristóteles. De 1256 a 1266 escreveu várias obras sobre diversos temas, tais como: espelhos, matemática aplicada, gramática, lógica, matemática, física, metafísica, moral. Em 1266 redigia o *Compendium philosophiae* (ou *Liber sex scientiarum*), que sofreu uma mudança de rota por conta do pedido de Clemente IV. Responde ao pedido com a *Carta ao papa Clemente IV* depois com as suas principais obras *Opus majus*⁹; *Opus minus*¹⁰; *Opus*

chanceler da segunda (1215-1221); Foi professor de teologia dos franciscanos (1229-1235); Em 1235 tornou-se Bispo de Lincoln; Primeiro escolástico a compreender a perspectiva aristotélica do caminho duplo para o pensamento científico (do universal para o particular e do particular para o universal); ... Por conta de suas pregações foi excomungado pelo papa Inocêncio IV.

⁸ Seu amigo e apoiador francês, Guy de Foulques, que se tornara Clemente IV (1265-1268): "(...) um príncipe sábio, que se propõe com diligência dedicar-se à causa do saber. Aqueles que precederam Vossa Beatitude, empenhados em outros afazeres eclesiásticos, angustiados de vários modos por rebeldes e tiranos, não dedicaram a sua atenção ao regime dos estudos." BACON, Rogério. *Carta ao Papa Clemente IV*. p. 45.

⁹ Contém as suas principais idéias. Está dividida em sete partes: causa de nossos erros, teologia e filosofia, linguagem, matemáticas, ciências anexas (astronomia, música, geografia), óptica/perspectiva, ciência experimental, moral. A "*Carta ao papa Clemente IV*" é o seu projeto de pesquisa que foi enviada ao papa como resposta ao seu pedido, visto que este supunha que as obras já estivessem prontas. Na *Carta ao papa* é possível encontrar de forma muito clara, e sem nenhum anacronismo, as partes do projeto: objetivo geral e específicos, justificativa, metodologia de trabalho, técnicas de pesquisa, hipóteses, recursos necessários, critérios éticos, a bibliografia básica e o sumário prévio da obra.

¹⁰ Deveria ser a segunda obra de sua enciclopédia do saber, porém ficou apenas esboçada. Primeiramente trata de complementar a obra anterior e traz novas idéias de matemática, astronomia, química, física (vazio, espaço, matéria, movimento), alquimia, relação entre filosofia, teologia e ciência.

*Tertium*¹¹, *De multiplicatione specierum*¹². Nos últimos anos de sua vida redigiu, por volta de 1292, um *Compendium studii theologiae*. Faleceu no dia 11 de junho de 1294, em Oxford.

R. Bacon não havia contradição entre filosofia, ciência e revelação, pelo contrário, afirmava a sua unidade. Umberto Eco, faz-lhe grandes elogios demonstrando o quanto R. Bacon não opôs o plano divino ao da ciência das máquinas. Eco o venera por combater o Anticristo através do fortalecimento da sabedoria humana; pelo reconhecimento do poder inerente ao saber e de seu necessário controle: “(...) advertia o grande Roger Bacon, nem sempre os segredos da ciência devem andar nas mãos de todos, que alguns poderiam usá-los para maus propósitos”¹³. E diz ainda que: “não era luxúria a sede de conhecimento de Roger Bacon, que queria usar a ciência para fazer mais feliz o povo de Deus, e por isso não buscava o saber pelo saber”¹⁴. Também expresso em seu franciscanismo

Talvez não tenha sido o homem mais sábio de todos os tempos, mas eu sempre fui fascinado pela esperança que animava o seu amor pela sabedoria. Bacon acreditava na força, nas necessidades, nas invenções espirituais dos simples. Não teria sido um bom franciscano se não tivesse pensado que os pobres, os deserdados, os idiotas e os iletrados falam frequentemente com a boca de Nosso Senhor.¹⁵

Ch. Singer¹⁶ admira-se por encontrar em uma só mente tantas previsões de invenções científicas. Em *De secretis operibus artis et naturae* R. Bacon prevê a criação de navios a vapor, estradas de ferro, balões, escafandros, telescópio, microscópio e os efeitos da pólvora. A maior parte de suas previsões se encontram reunidas numa só obra¹⁷ na qual sonha com navios velozes sem remadores, aparelhos com os quais o ser humano pudesse andar pelo fundo do mar sem colocar em risco o seu corpo, carros sem

¹¹ Trata basicamente da ciência experimental, também permaneceu na forma de esboço, seria a terceira parte da enciclopédia. Retoma as outras duas acrescentando algumas novas considerações.

¹² Basicamente sobre ótica.

¹³ ECO, Humberto. *O nome da Rosa*. p.91.

¹⁴ Idem. p. 381.

¹⁵ Idem. p. 199-200.

¹⁶ cf. REALE, Giovanni.; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. p. 595.

¹⁷ A obra intitulada *Epistola Fratri Rogerii Baconis de Secretis Operibus artis et de nulitate Magiae*.

tração animal, máquinas voadoras, instrumentos de erguer pesos ilimitados, pontes sem pilares, etc. Certamente, não foi o primeiro a lançar estas previsões, “(...) talvez as houvesse tomado ele a outros mestres, inclusive árabes, e que já neste tempo se dedicavam à observação. Mas ninguém como Rogério Bacon melhor codificou as projeções futuras”¹⁸. Por conta disto, e para além disto, foram-lhe atribuídas muitas descobertas, um século após a sua existência já lhe conferiam grandes feitos, tais como: a transformação de metal em ouro, hipnotismo, descoberta da pólvora, poderes especiais, etc. No século XIX tornara-se no inventor do telescópio e do microscópio e no descobridor da célula viva e do espermatozóide. Tais exageros, longe de prejudicá-lo ajudam a compreender melhor o seu sentido histórico de forma mais profunda, ou seja, eles elucidam, de forma simbólica, a grandiosidade científica de Roger Bacon.

2. Do “R. Bacon moderno” em plena Idade Média para o “R. Bacon medievo-moderno” em plena Contemporaneidade

Por ser considerado um marco *moderno* em plena “*Escolástica de Ouro*” R. Bacon tornara-se gigante demais para simplesmente caber nos fatos. Não é sem motivo que Umberto Eco torna-o numa espécie de santo venerável, chegando, inclusive – não sem uma boa dose de humor– elevá-lo a patamares escatológicos: “E então se abriram as abóbadas do Edifício e desceu do céu Roger Bacon, em cima de uma máquina voadora, único homem regente”¹⁹.

Os modernistas –ao contrário dos que puniram R. Bacon pelos seus “modernismos” – purificam-no de seus “medievalismos” e valorizam seu naturalismo; experimentalismo; apreço à matemática; suas descobertas científicas –sobretudo no campo da ótica– e previsões acertadas das grandes invenções; sua preocupação com o método científico, que lançara as bases do empirismo moderno e por ter iniciado o movimento originário do mundo tecnológico; além de sua moderna noção de que a verdade é filha de seu tempo.

Por ter antecipado a ciência moderna, foi posto pelos positivistas, ao lado de Galileu, Francis Bacon²⁰ e Comte. Esta

¹⁸ ENCICLOPÉDIA SIMPOZIO. *Escolástica de ouro: Mestres franciscanos do séc. treze*. n. 371.

¹⁹ ECO, Umberto. *O nome da Rosa*. p. 414.

²⁰ Bazan, diz que o homônimo moderno de Bacon somente se tornou mais importante por ser renascentista e leigo. A ciência moderna só não lhe dera

leitura matou o *frei-filósofo-teólogo* em nome do *cientista* Roger Bacon. Esta interpretação tornou-se tão hegemônica a ponto do “*Breve Dicionário de Pensadores Cristãos*” afirmar sobre ele: “Tanto os procedimentos de sua investigação quanto seus resultados interessam muito mais à história das ciências que à filosofia”²¹. Ou o escrito de 1881 que o elogia como:

A mais alta glória científica da Ordem Franciscana foi ter produzido o homem, cuja personalidade vemos agigantar-se hoje, *ao contemplá-lo à luz da Ciência moderna*, que podemos chamar pai da atual Filosofia da Natureza e das grandes conquistas dos séculos XIII e XIX²². (grifos meus)

Assim, a perspectiva moderna que atribui a R. Bacon o papel de transição entre dois momentos históricos depurando-o de um em prol do outro, mostra-se profundamente dúbia, pois se de um lado o valoriza, de outro o deturpa, uma vez que exclui algumas de suas importantes e necessárias contribuições.

Com isto, não se quer negar as análises modernas, pelo contrário, é preciso reafirmá-las ultrapassando-as. A valorização de R. Bacon como cientista e as depurações de algumas de suas idéias obsoletas²³ faz-se necessário. Porém, esta expurgação hermenêutica não deve perder os seus imprescindíveis elementos, que servem para a resolução dos impasses contemporâneos. Por isso, torna-se necessário purificar as purificações modernas, pois ao contemplarem R. Bacon a partir de seus referenciais tornaram-no idêntico aos modernos, suprimindo assim, com tudo que discordava do critério avaliativo. Ao ser tratado como personagem de transição histórica, por ter em si, ao mesmo tempo, elementos medievais e modernos, teve a primeira dimensão sacrificada em prol da segunda. Seus intérpretes o tornaram um personagem moderno em plena Idade Média. Por conta desta adequação aos ditames do projeto moderno ele perdera muitos de seus instrumentos críticos, aplicáveis tanto à Idade Média quanto à Idade Moderna. O R. Bacon crítico das duas eras não aparece, ficou perdido pelos

mais reconhecimento de méritos científicos e nem lhe atribuíra a própria invenção do método experimental, relegando-o a um papel de iniciador, por conta de sua condição de religioso e medieval, como se o hábito franciscano não fosse figurino digno de um cientista.

²¹SANTIDRIÁN, PEDRO R. op. cit. p.52.

²²BAZAN, E. P. Apud. SILVEIRA, Frei Ildefonso. *Frei Roger Bacon visto pelos estudiosos*.

²³R. Bacon não está isento de seu tempo, também ele reproduz idéias supersticiosas, mágicas e rígidas demais.

caminhos da transição histórica. Por isso que redescobrir o teólogo-filósofo R. Bacon articulado com o inventor e cientista; libertá-lo da interpretação unilateral que matara a sua noção do saber global; aprender com a sua interdisciplinaridade e compromisso ético são elementos críticos aplicáveis tanto aos medievalismos quanto aos modernismos. Somente assim, liberto da interpretação moderna,²⁴ é que R. Bacon poderá aparecer de forma mais verdadeira e atual.

Para o tempo presente não interessa o “R. Bacon medieval” –lhe faltaria o diálogo com o mundo moderno– como também não interessa o “R. Bacon moderno” –não teria força crítico-profética. Somente o “R. Bacon liberto destas hermenêuticas” teria algo de pertinente a dizer sobre a destruição ecológica, o *Cogito* cartesiano, a razão instrumental, a bomba atômica, o mercado, o cientificismo, a alienação, o Holocausto, as guerras, as experiências anti-éticas, a fragmentação, etc.

Com base nisto, pergunta-se: Para além das conhecidas construções pontuais de Roger Bacon nos diversos campos do saber, qual é a maior contribuição que ele pode fornecer para a resolução das questões problemáticas que envolvem o conhecimento e as universidades deste tempo? No enfrentamento desta questão é preciso resgatar aquilo que já fora antecipado, ou seja, R. Bacon é um homem total, composto de diversas facetas, sendo irreduzível a uma delas porque cultiva um saber que é, ao mesmo tempo, diverso (múltiplo) e articulado (uno).

(...) na realidade, todas as ciências estão interligadas como um todo em suas partes e cada uma, portanto, não é apenas útil a si mesma mas também as outras. Nenhuma ciência pode ser conhecida sem trazer vantagem às outras, já que, como afirma Cícero no livro II das *Quaestiones Tusculariae*: ‘Não é possível conhecer poucas coisas, se não se conhecem outras muitas, ou praticamente todas. Por este motivo todo o conhecimento depende de um outro e ambos se enriquecem reciprocamente.’²⁵

Nisto aparece o caráter dialético de R. Bacon, para quem o ditado popular que diz que uma coisa é *uma coisa e outra coisa é outra coisa* não faz qualquer sentido. Sua atitude é relacional, apresenta a capacidade de interligar os elementos particularizados,

²⁴ Sua libertação da interpretação medieval já fora em grande parte feita pela modernidade, mas atualmente é assunto morto. Com sua morte foi liberto da prisão medieval, porém esta não conseguiu livrá-lo dos grilhões da modernidade, nos quais se encontra preso mesmo depois de morto.

²⁵ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.77.

perceber as suas mútuas implicações, as contribuições de um conhecimento para os outros, a reciprocidade enriquecedora do saber, o pensar a parte a partir da totalidade, etc. Coerente com esta atitude R. Bacon integra, numa relação complexa e profícua, os grandes blocos do conhecimento: *Teologia, Filosofia e Ciência*²⁶.

Para ele jamais seria normal que um destes três estivesse voltado apenas sobre si mesmo, fechado para os outros, estilhaçado em sua especificidade, sem a mútua fecundação possível e necessária. Para a perspectiva contemporânea parece que *Moral, Método Experimental e Sagrada Escritura* não apresentam qualquer relação. Quando esta tríade se encontra muito próxima uma da outra se levantam suspeitas de charlatanice, proselitismo, oportunismo, etc. O cânon da divisão social do trabalho instituiu que cabe somente a cada uma a tarefa que lhe é própria.

Esta realidade contemporânea torna, na perspectiva de R. Bacon, a FILOSOFIA infértil, inútil, abstrata, lunática, aérea, vazia, débil, insana... desvinculada da vida e da prática, digna das mesmas críticas dirigidas contra a escolástica²⁷. A loucura desta filosofia auto-centrada em sua auto-suficiência absoluta a torna cada vez mais esquizofrênica, uma vez que quanto mais se desenvolve, mais se dirige somente a si mesma. Ao perder o contato com a realidade e ao não buscá-la como meta ela se perde em suas criações formais. Como Quixote, luta contra os seus moinhos de ventos com as lanças de sua verborrêia. Produz obras sobre obras, projeta autores sobre autores, investiga as investigações, critica as críticas, analisa as análises, cria idéias sobre idéias... faz com que a razão se dobre sobre si mesma²⁸, se auto-fundamentando e tal como o Barão de Münchhausen pretende puxar-se pelos cabelos, a fim de sair do atoleiro no qual adentrara. Por mais belos, interessantes, bem construídos que sejam os seus discursos e receituários, eles se perdem no vácuo, porque não possuem relações com a totalidade complexa da vida e, também, porque lhes falta agentes capazes de lhe dar vida concreta. Ela é só alma –puro espírito– desprovida de corpo social. Diante de tamanha e tão cuidadosa formalidade procedimental e abstrata ela

²⁶ Em outras palavras: “Fé, Sabedoria e Conhecimento”. Ou ainda: “Revelação, Razão e Experimento”. Ou “Sagrada Escritura; Moral e Método”. “Deus; Homem e Natureza”. Roger Bacon não consegue compreender a filosofia, a ciência e a teologia, se uma não estiver interconectada com a outra; não “apesar de”, mas sim “por conta de” reconhecer as suas especificidades é que não consegue estudar uma sem apoiar-se nas outras duas. Sem este tripé seu projeto sucumbiria.

²⁷ cf. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 57.

²⁸ cf. SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*.

se torna muda diante das questões sociais, políticas, econômicas, científicas e religiosas, prestando-se à utilização ideológica e conservadora²⁹.

Os problemas que dizem respeito à CIÊNCIA não são menores. A ciência absolutizou-se como critério último de verdade, mostra-se como capaz de fornecer conhecimentos instrumentais, técnicos, eficientes, eficazes, possibilitadores de domínio da realidade da vida desde suas esferas microscópicas até as realidades macrosociais. Porém, ela ignora o seu sentido ético, moral, político, histórico, existencial e humano. A ciência não se auto-reflete porque seu método não comporta esta tarefa. Ela é capaz de dizer e saber de tudo, menos de si mesma e do sentido que imprime à história do mundo. Por isso, ela é perfeitamente manipulável e posta a serviço dos interesses dominantes, por mais que ela se diga neutra, imparcial, científica³⁰ ... Tal ciência é sem consciência e em sua inconsequência é capaz, inclusive, de destruir a vida e o próprio planeta. Seus efeitos devassos tornam-se cada vez mais evidentes, tal como demonstram a indústria das guerras e a destruição ecológica. O cientificismo bloqueia todos os apelos filosófico-teológicos de comprometimento ético, para ele, tais princípios são limitadores de sua liberdade de investigação, por isto, é próprio da ideologia cientificista ignorar os que ousam criticar a obscuridade de suas supostas luzes.

Não diferente das precedentes, também a TEOLOGIA vive a sua crise contemporânea. Como se não bastassem os preconceitos modernos que consideraram tudo o que é teológico como obscuro³¹ a própria condição teológica atual cria as causas de sua crise, cujos sintomas são: ondas de dogmatismo, conservadorismo e neo-conservadores; volta à grande disciplina; alinhamentos à oficialidade romana; falta de liberdade de pesquisa; falta de diálogo entre Magistério e teólogos; sucessivas condenações e silenciamentos de teólogos; anatematização das teologias não-oficiais; interrupção da primavera do Concílio Vaticano II³²; reabilitações de práticas litúrgicas superadas; medo do pluralismo teológico inculturado; defesa autoritária do etnocentrismo europeu, civilizado, branco e ocidental; zelo exacerbado pela ortodoxia e

²⁹ cf. MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. capítulo 3.

³⁰ cf. MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. Parte II.

³¹ Aparece com variados adjetivos: *falso, infantil, mítico, fantasioso, mentiroso, inferior, equivocado...*

³² Os livros digitais “*Bajar de la cruz a los pobres*” e “*A primavera interrompida: O projeto Vaticano II num impasse*” - e obviamente outros - oferecem um bom diagnóstico destes impasses teológicos contemporâneos.

descuido da ortopraxis; inflexibilidade doutrinal; auto-recolhimento da teologia sobre si mesma; auto-preservação das relações com o mundo secular; dificuldade de aceitar-se como “uma voz entre vozes” e de encarnar-se no sub-mundo; rejeição em socializar o monopólio da palavra e da verdade. Estes e outros fatores, são sinais de que o modelo dominante se encontra fora da ordem do dia e, em sua ânsia de vigência com suas consequentes ineficiências, dá sinais de esgotamento. Por mais que esta teologia lance livros, escreva documentos, faça pronunciamentos, dirija-se aos intelectuais, cientistas, autoridades e demais sujeitos deste tempo, a sua voz continuará clamando no deserto ocupado apenas pelos seus representantes.

Diante deste caos contemporâneo, em que não apenas as pessoas são individualistas, mas também os próprios conhecimentos individualizam-se³³ em seus nichos sem se porem em relação uns com os outros, R. Bacon, na condição de incompreendido por seu tempo e pela modernidade, como intelectual que pensa outras tarefas para filosofia; como homem de fé que percebe que a teologia precisa de outros saberes e a ciência de outras relações tem muito a ensinar.

O *Doutor Admirável*, ao contrário da auto-preservação individualista, propõe a capacidade de abertura, articulação e socialização entre *filosofia*, *ciência* e *teologia*. Para ele, quando uma destas esferas se abre a outra ela não tem nada a perder, mas somente a ganhar, complementar-se, enriquecer-se e inclusive precisar-se melhor em sua própria identidade. O fechamento de qualquer uma delas em si mesma equivaleria à sua morte, a filosofia tornar-se-ia inútil, a teologia incompreensível e a ciência experimental uma generalidade indefinida.

Com isto R. Bacon não deixa de reconhecer o específico de cada uma e o seu caráter insubstituível. As questões da fé não se dão a conhecer pelo método experimental, do mesmo modo que a teologia não pode oferecer respostas às questões que dependem de experiências, assim como a filosofia não pode substituir ambas em seus ofícios e vice-versa.³⁴ Assim, não é apesar das especificidades

³³ Neste tempo de crises, no qual não há um projeto coletivo claro reina o *salve-se quem puder*, válido tanto para os indivíduos quanto para a filosofia, teologia e cada ciência em particular. Haverá um outro caminho possível?

³⁴ SCIACCA, Michele Federico. *História da filosofia*. p. 250. Diz sobre Roger Bacon: “A abstração e o método silogístico são insuficientes para fazer-nos conhecer as coisas sem o auxílio da observação e a experiência dos fatos. A **autoridade** é o fundamento da fé, mas não nos faz compreender a natureza das coisas que se creem; não serve ela precisamente para o conhecimento das coisas naturais. A **razão** integra a autoridade, mas não basta para distinguir o

que elas podem se relacionar, pelo contrário, é por conta destas próprias potencialidades e limites, que tais relações se tornam possíveis e necessárias.

3. A Carta ao papa Clemente IV: Uma nova organização epistemo-metodológica do conhecimento

Após expor os detalhes e o espírito mais geral de seu projeto de pesquisa, R. Bacon passa a explicar para o papa a sua nova organização das disciplinas a partir dos dois blocos de sua obra, o primeiro contendo duas partes e o segundo as outras cinco partes. O primeiro é basicamente formado por elementos filosófico-teológicos e o segundo por aquilo que ele chama de “as cinco disciplinas fundamentais”, sempre sem perder as interconexões das partes.

3.1 O fundamento filosófico-teológico das disciplinas fundamentais

O projeto arquitetônico baconiano exige uma filosofia não-auto-centrada, mas posta a serviço do conhecimento da verdade, da sabedoria, do bem, da salvação, do melhoramento do mundo, da supressão da ignorância, do governo da Igreja e da política, da moral, do estudo da Sagrada Escritura, da teologia e da ciência. Sem a filosofia a ciência perderia o seu sentido, os seus princípios teóricos, a sua consciência e orientação moral. A falta da filosofia, também seria prejudicial para a teologia, que se tornaria mera dogmática sem razões, sem explicações plausíveis, tornando-se carente de sentido teórico-prático. Para R. Bacon a mediação filosófica é necessária para a compreensão do próprio texto sagrado que, sem o saber filosófico, seria de difícilíssima compreensão, explicação e demonstração, o que por sua vez geraria a sua impossibilidade prática.

Diferentemente da especulação escolástica, R. Bacon, orienta-se, e deixa isto muito expresso nos objetivos de seu estudo, por uma filosofia praxica, única que pode salvar a própria filosofia de sua inutilidade e morte, sem prejudicar a Igreja e nem ser nociva ao Mundo. Tornar-se *filosofia praxica* significa concretamente que, para R. Bacon, a filosofia não deve deixar de ser filosófica – o que

verdadeiro do falso; caso contrário, permanecemos sempre na dúvida. Somente a **experiência**, a qual confirma e verifica, torna sólida a demonstração.”

seria absurdo – mas que, ao mesmo tempo, ela precisa se abrir à teologia e às ciências.

Com a Teologia deve ocorrer o mesmo, ou seja, sua especificidade é reconhecida e ao mesmo tempo articulada com a Filosofia e a Ciência. Bacon, com o intuito de diferenciar-se das disputas retóricas da escolástica especulativa³⁵ como bom franciscano, centra-se na Sagrada Escritura. Bem antes que o Concílio Vaticano II ele já concebia a “Sagrada Escritura como alma da Teologia”³⁶. Juntamente com isto põe a filosofia, a ciência, a racionalidade humana, a pesquisa, as cinco disciplinas fundamentais, o direito canônico e civil, a poesia e qualquer outro conhecimento humano em contato com as sagradas letras. Assim, R. Bacon lança as bases para a compreensão científica –e interdisciplinar– da própria teologia, superando a compreensão escolástica. “Por essa razão, relaciono as sete ciências, de que estou falando, com a ciência sagrada de Deus e demonstro como essa não pode ser conhecida sem essas sete ciências”³⁷.

Sua preocupação com o caráter científico da teologia o leva a se contrapor ao exagero dos comentários espirituais da Bíblia. Para isto, vincula o estudo da Sagrada Escritura com a disciplina do *Conhecimento das Línguas*³⁸, trazendo para a teologia a preocupação com o sentido literal “(...) porta do saber, sobretudo do saber teológico”³⁹. Sua intenção visa a corrigir os erros de tradução da Vulgata, estudar a Bíblia grega e hebraica na busca de um texto autêntico e literalmente seguro.⁴⁰ Com disposição científica e espírito de fé, R. Bacon se propõe a corrigi-la juntamente (sempre de forma coletiva) com um estudioso que se ocupava da questão por 30 anos. Para isto, pede ao Papa subsídios para o trabalho: Bíblia grega e hebraica e um livro de etimologias dessas línguas. Seu cuidado científico, aliado ao seu espírito de fé,

³⁵ Costumava realizar comentários de comentadores e jogos lógico-sentenciais.

³⁶ PAPA PAULO VI. *Constituição Dogmática Dei Verbum Sobre a Revelação Divina*. n. 24. “As Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus, e, pelo facto de serem inspiradas, são verdadeiramente a palavra de Deus; e por isso, o estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia.”

³⁷ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.57.

³⁸ Roger Bacon considera um estudo fácil, acessível, sobretudo quando destinado às crianças de qualquer língua. E afirmou, antes que qualquer estudioso moderno, que quanto mais cedo mais fácil será o aprendizado de uma língua estrangeira. Suas descobertas vão além, sugere ainda que a gramática de uma língua contenha a ortografia das outras línguas e todas as suas outras noções gramaticais.

³⁹ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 88.

⁴⁰ Cf. Idem. p. 89.

faz com que não aceite qualquer desencontro entre fé e razão, seja ele de qualquer ordem, atingindo, inclusive, as questões que concernem às línguas⁴¹.

Para além do entrelaçamento entre teologia e letras, R. Bacon propõe ainda, na parte em que trata da *Matemática*, a aplicação desta aos *conhecimentos teológicos*. Com isto, resgata a valorização que os Santos Padres já haviam conferido à matemática e a afirmação de sua utilidade à teologia. Alude ao problema histórico do cristianismo em precisar o dia e em que lua foi celebrada a paixão do Senhor, porém, a ênfase de seu texto concentra-se nos dois tipos de matemáticas (astrologias⁴²) possíveis. O primeiro abordado de forma negativa, crítica aos instrumentos de superstição, no qual todas as coisas são consideradas submissas à necessidade, sem chances de livre-arbítrio, onde tudo já estaria determinado, inclusive o futuro. Tal doutrina, segundo Bacon, já fora combatida pelos santos e pelos filósofos. Assim, o estudo da matemática teria um uso combativo da magia astrológica. O seu segundo uso integra o saber científico, sendo oposto ao primeiro sentido e conseqüentemente bem apreciado pelos santos. Com isto, R. Bacon incentiva os teólogos e os governantes da Igreja a cuidarem do conhecimento científico, a fim de evitar que este seja utilizado contra a Igreja. Há nele a convicção de que a Igreja deve se interessar pelo saber científico; não ter medo das questões da razão; não se reduzir às questões teológicas;... a fim de evitar a oposição entre ciência e fé.

No tocante às relações interdisciplinares entre *teologia* e *matemática*, R. Bacon aplica a matemática, ainda, à *reforma do calendário*, que estava sendo postergada, porque os papas não tinham conhecimentos matemáticos e nem astronômicos para corrigi-lo. Diante desta incerteza do calendário, Bacon exclama acusando-a como um “(...) erro vergonhoso e escandaloso, porque procede unicamente da ignorância, como bem sabem todos os que entendem de cálculos, os astrônomos e todos aqueles que se

⁴¹ Roger Bacon ressalta o *Conhecimento das Línguas* por conta das necessidades de estudo. Uma vez que a cultura Ocidental está erigida sobre as bases lingüísticas de outros povos que escreveram a Bíblia e inventaram a Filosofia, faz-se necessário o estudo prioritário do hebraico, do latim, do grego e inclusive do árabe, língua através da qual o Ocidente redescobriu Aristóteles.

⁴² Na Idade Média não existia a distinção entre “astrologia” e “astronomia”. O primeiro sentido, que Roger Bacon quer combater, seria chamado contemporaneamente de astrologia e o segundo, cujo valor atribuído é da mesma dignidade dos saberes científicos equivaleria ao que se considera “astronomia”. cf. nota de rodapé n.66. Apud. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 83.

dedicam a esses estudos”⁴³. Ou seja, ao descuidar disto, parece que a Igreja⁴⁴ é ignorante, não desenvolve estudos, não domina as questões intelectuais, está assentada sobre uma fé ingênua, infantil, irracional, a-científica. Desta preocupação decorre um grande compromisso para a teologia de todos os tempos: empenhar-se seriamente nos estudos científicos seculares, estar a par das descobertas e pesquisas, dedicar tempo, recursos e pessoas que os aprofundem, a fim de que a Igreja não perca o diálogo com a comunidade científica e com os intelectuais e possa dar as suas razões ao mundo.

O que R. Bacon propõe à Igreja, ele também anuncia e, sobretudo, realiza em sua própria obra. Em sua *Carta ao papa Clemente IV* deixa claro não pretender limitar-se à transmissão de conhecimentos, mas sim construir uma boa obra, profunda, científica, não-infantil, incomum, fora dos padrões abstratos da escolástica, a serviço da Igreja e da humanidade.⁴⁵ Por mais que Bacon considere a paixão pelo saber como a atividade mais digna e válida por si mesma, de modo algum ele se limita a tal redução, mas amplia o campo da incidência intelectual para as esferas do governo, dá-lhe uma direção praxica em prol da evangelização, da correção de vida, da produção do bem e impedimento dos danos ao mundo. Inclusive uma das aplicações práticas da matemática é denominada “*Astrologia Política*”, e consiste justamente no governo da coisa pública e no dever de garantir bons resultados para a população. Segundo ele tal aplicação garantir o conhecimento das partes habitáveis do planeta, climas, as regiões da terra, as influências astrais, mudanças de clima nas várias horas do dia, fornecer procedimentos para as previsões válidas dos eventos, práticas médicas, harmonias musicais, etc.

Para construir a sua metodologia de pesquisa, R. Bacon desenvolve uma apurada “Filosofia da Ciência”. Seu ponto central é a preocupação com a verdade, a escolha dos assuntos a serem tratados e a necessidade de não fugir dos temas escolhidos, ressaltando o dever de abordá-los de forma concisa, clara e completa⁴⁶. R. Bacon, na linha dos santos e dos sábios da

⁴³ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 86.

⁴⁴ Entendida como um todo: a fé, a revelação, a autoridade eclesiástica, os teólogos.

⁴⁵ cf. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 51-52.

⁴⁶ Idem. p.53.

antiguidade, antecipa os modernos no que diz respeito ao espírito crítico diante daquilo que chama as “causas de erro”⁴⁷.

A primeira dessas causas é o cuidado em esconder a própria ignorância, recusando tudo aquilo que desconhecemos e ostentando imprudentemente aquilo que estimamos saber, por pouco que seja.

As outras três causas são a citação constante de exemplos tomados de autoridades frágeis e desacreditadas, a força dos maus hábitos de que nos tornamos escravos, e a aceitação dos preconceitos comuns que nos tornam obstinados.⁴⁸

Assim, Bacon inaugura um novo Método, que além de sua *forma direta* aparece também de *forma simbólica* na escolha de um jovem⁴⁹ como mensageiro da carta. Para R. Bacon, apenas um jovem, não viciado nos métodos antigos e nas velhas idéias poderia

⁴⁷ Antes de Francis Bacon, o Bacon Medieval já se precava - na primeira parte de sua obra *Eliminação das quatro causas de erro* - contra aquilo que o Bacon moderno chamara de:

“**Ídolos da Caverna**” (que sustentam as falsas noções do indivíduo preso na ignorância de sua caverna particular) quando R. Bacon diz que é necessário ao pesquisador não esconder as suas ignorâncias, uma vez que ninguém sabe tudo de tudo; de

“**Ídolos do Teatro**” (que propagam as concepções vigentes) quando afirma que a segunda causa de erro consiste nas idéias propagadas pelas autoridades desacreditadas;

“**Ídolos do Mercado**” (que segundo Francis Bacon vendem noções para o foro comum através da comunicação social) quando Roger Bacon reafirma a necessidade de evitar a força dos maus hábitos que escravizam;

“**Ídolos da Tribo**” (que corresponde as falsas idéias da espécie humana) o Bacon Medieval apontava a aceitação dos preconceitos comuns aos homens como uma causa de erro.

Também é possível relacionar Roger Bacon com René Descartes, não só pela importância conferida a matemática, mas também pelo tanto que há desta nos métodos de ambos. Também é possível relacionar os “quatro passos do método” em Descartes e as “quatro causas de erro” em Roger Bacon.

⁴⁸ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 67.

⁴⁹ R. Bacon dedica um grande espaço sobre este jovem mensageiro de nome João, encontrado por ele nas ruas de Paris e o tomara como aluno e dá-lhe agora a incumbência de explicar a carta ao Papa, sendo o intermediário entre ambos. Bacon o apresenta como: culto, intérprete fiel, seu representante, alguém que tem facilidade para aprender mesmo sem nunca ter tido mestres competentes, conseguia entender bem as idéias de Bacon, jovem sem experiência, com menos de um ano de estudos, extremamente pobre, sem acesso a livros, sem tempo para estudar, amigos de R. Bacon davam-lhe alguns serviços em troca de subsistência, Bacon considera-o uma grande promessa que aos poucos estava se concretizando. cf. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 61-64.

ler e explicar a sua carta ao papa sem distorções. Para uma nova ciência Bacon quer contar com gente nova, capaz de pensar a partir de novas bases. Neste sentido, o jovem, mais do que um mensageiro, representa e desempenha o papel da originalidade baconiana. Somente o novo, não contaminado nas formas rígidas do pensar, pode entender corretamente o que R. Bacon escrevera. “Por isso, ninguém, por mais sábio que seja, será capaz de expor as coisas segundo o modo que escrevo, se não conferir comigo a respeito de minhas idéias e se não lhe manifestei meu modo de ver as coisas”⁵⁰. R. Bacon admite na carta que se quisesse explicar ao Papa cada uma das matérias de forma isolada teria muitos mensageiros bem mais entendidos do que o jovem, “(...) mas ninguém é tão bem informado na *totalidade das coisas* de que trato neste escrito, ao menos na minha opinião.”⁵¹ (grifos meus)

Bacon cria uma nova totalidade que não pode ser lida pela antiga organização epistemo-metodológica dos saberes. Nesta nova realidade complexa criada por R. Bacon as sete disciplinas do *trívio* e do *quadrívio*⁵² se encontram em um novo ordenamento, que conserva o número sete, a divisão em duas partes, mas modifica o resto. R. Bacon lança as duas primeiras partes como propedêutica das cinco disciplinas fundamentais. As duas primeiras partes são: *Eliminar as causas de erro*, que tem um caráter eminentemente crítico⁵³; e a *Sagrada Escritura como fonte de todo o saber*, umas das partes mais longas da *Carta*. Assim, é possível entender esta propedêutica como o entrecruzamento da filosofia com a teologia que em relação constituem a base para todo o saber científico. Entretanto, desde sempre ambas também dependem dos elementos das diversas ciências⁵⁴. Assim, uma teologia sem filosofia e uma filosofia sem teologia seriam capengas, incompletas, sem vida e jamais poderiam fundamentar as ciências.

A ligação entre filosofia e teologia não faz com que a primeira perca a sua capacidade crítica, pelo contrário, a supõe, a capacidade crítica e autocrítica é uma característica forte em R. Bacon. Nos recursos solicitados inclui a contratação de controladores de erro e de esquecimento, corretores e sábios

⁵⁰ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 62.

⁵¹ Idem. p. 63.

⁵² **Escolástica:** *Trívio* 3 + *Quadrívio* 4 = 7; **R. Bacon:** *Propedêutica* 2 + *Ciências* 5 = 7.

⁵³ Cf. citação anterior.

⁵⁴ Em R. Bacon existe o caminho de mão dupla do fundamento para o fundamentado. Ou seja, o fundamentado necessita do fundamento e o fundamento necessita do fundamentado, na prática ambos se interconectam de forma inseparável.

críticos que apontassem as lacunas da obra. Neste sentido, Frei Bacon supera os pensadores solipsistas da modernidade burguesa, que veem o mundo a partir do seu *eu*, na solidão do papel ou da tela. O *Doutor Admirável* torna-se mais admirável porque não é apenas “um”, mas sim alguém que pensa de forma dialógica, de forma coletiva e cooperativa. Pode-se, inclusive, não livre de certo anacronismo, chamá-lo de *construtivista*⁵⁵, visto que ele mesmo compara a pesquisa com a construção de uma obra realizada por muitos trabalhadores de diversas habilidades (carpinteiros, talhadores, operários...) e a impossibilidade de um único trabalhador construir a casa.

Assim, como trabalhador da construção de tratados científicos o *Doutor Admirável* reconhece os seus limites, percebe que não pode fazer tudo sozinho, pede ajuda ao papa, ao seu país, à sua família, aos estudiosos de línguas estrangeiras, solicita recursos para manter ao seu lado amigos, sábios e peritos que construam o saber juntamente com ele. Há nele a certeza de que ninguém conhece tudo, cada sábio sabe parte ou certo segredo, mas não todos e o conhecimento somente pode ser buscado na coletividade. A defesa do estudo coletivo torna-se um refrão em sua *Carta*. Ele reafirma tal idéia citando Boécio:

Embora se deva procurar a contemplação da verdade por sua própria natureza, *todavia ela se torna mais amável quando alcançada em comum*. Não existe bem, pois, que não se torne mais esplendoroso *quando confirmado pelo conhecimento de muitos*.⁵⁶ (grifos meus)

⁵⁵ Coerente com a epistemologia que afirma o conhecimento como “construção”, R. Bacon também projeta a sua proposta pedagógica, segundo a qual não há conteúdo que não se possa aprender. A questão segundo ele reside no método de ensino-aprendizagem e não na dificuldade dos conteúdos. Para ele, um aluno aplicado, zeloso, confiante tem condições de aprender mesmo que possua um mestre fraco; e um mestre competente é capaz de ensinar em pouco tempo muitas coisas (naturais e divinas) aos seus discípulos. Assim, os problemas de aprendizagem residem tanto nos mestres quanto nos alunos. Nos primeiros porque “(...) não sabem, ou não querem ensinar com proveito, e nos alunos, que não se aplicam com zelo ou perdem a coragem” (BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 66), retirando assim todas as mitificações de talentos, dons e inclinações naturais. O segredo da aprendizagem, que é revelado por R. Bacon, está no trabalho, esforço, empenho, disciplina, dedicação, zelo, confiança, persistência, coragem dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

⁵⁶ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.48.

Com Sêneca passa da produção coletiva à distribuição coletiva do conhecimento “(...) não se possui um bem que é agradável, se não for compartilhado com outros”⁵⁷. Ou seja, se o conhecimento é produzido de forma coletiva ele também deve ser distribuído de forma coletiva. Assim, o medieval R. Bacon mostra-se como um produtor de ciência *com* os outros e *para* os outros, o que continua sendo um grande desafio da atualidade.

Depois disto a carta de Bacon expõe as “*cinco disciplinas mais necessárias e fundamentais*”⁵⁸, sem as quais nada se pode saber. Para ele, todas elas estão interligadas e uma é necessária a outra. Ele as organiza de uma forma descendente⁵⁹ (*Moral – Ciência Experimental – Ótica – Matemática – Conhecimento de Línguas*) seguindo a ordem de dignidade e natureza. Ao final ele alude à possibilidade de compreendê-las de forma ascendente (*Caminho inverso de Conhecimento das Línguas até a Moral*), segundo a qual, é possível partir da mais simples até a mais complexa numa ordem metodológica e cognitiva⁶⁰. Num trajeto ou noutro não se pode perder de vista que as sete partes da obra se encontram interconectadas, não obstante o caráter de incompletude próprio do início de uma pesquisa. “(...) no começo não pode ser diferente, uma vez que, como afirmam Aristóteles e Sêneca, o nosso modo natural de conhecer procede das coisas indistintas às distintas, das universais às singulares, das incompletas às completas, das partes ao todo.”⁶¹

A relação dialética entre estas oposições ajudam a compreender a organização lógica da obra, haja vista a relação de co-dependência entre as cinco ciências e a sua fundamentação na filosofia e teologia. Assim, todas as sete partes estão numa totalidade da qual não podem se desprender, por isso que tornar uma delas “a principal” seria, no mínimo, trair a intenção de R. Bacon. Por mais que ele aponte as duas primeiras partes – *Eliminação das quatro causas de erro* (caráter negativo) e a *Sagrada Escritura* como fundamento-fonte de todo o saber (caráter positivo), ainda assim não é possível torná-las na parte mais importante da obra⁶², visto que também estas necessitam das outras “disciplinas fundamentais”⁶³.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem. p. 71.

⁵⁹ cf. Idem. p.71

⁶⁰ cf Idem. p.75-76.

⁶¹ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 91.

⁶² Entretanto estas duas primeiras partes de sua obra parecem conter a **proposta mínima**, com a qual Bacon já se contentaria. Ele pretende, e propõe isto ao

Por maior que seja a tentação de postular a *Matemática* como a disciplina mais importante por conta do espaço que ocupa na obra⁶⁴, o valor altamente positivo que o autor lhe atribui e as diversas aplicações da mesma, ainda assim, seria arbitrário apontá-la como a síntese de todas as outras partes, uma vez que sem elas a matemática se tornaria inútil. Uma leitura modernista de R. Bacon, valorizaria a *Ciência Experimental* por ele ter sido discípulo de Grosseteste e ter superado o mestre tornando-se o maior representante do experimentalismo científico em plena Idade Média. R. Bacon é um *experimentalista* três séculos antes que despontassem os primeiros raios da modernidade, representada, sobretudo, pelo seu homônimo moderno Francis Bacon. Tal tese poderia ser endossada pela posição que a *Ciência Experimental* ocupa na obra, tendo três partes antes de si e três partes depois, constituindo-se assim no centro para o qual todas as outras partes convergem.⁶⁵ Outra hipótese de chave interpretativa poderia deixar

papa também, – de forma gradual – excluir as possibilidades de erro, reformar os estudos, “colocar os fundamentos”, “abrir as fontes”, “plantar as raízes”, a fim de que outros dessem sequência ao projeto de percorrer os caminhos geradores de sabedoria e bem. Bacon parecia confiar que uma vez impulsionado por esta base tal processo não seria interrompido.

⁶³ cf. Idem. p.71. Como já aludido: O fundamento precisa das disciplinas fundamentais e vice-versa.

⁶⁴ Número de linhas dedicadas a cada disciplina: Matemática: 325 linhas (1º LUGAR); A Sagrada Escritura como fonte de todo o saber: 103 linhas. (2º LUGAR); Ciência Experimental: 75 linhas (3º LUGAR); Conhecimento de línguas: 50 linhas (4º LUGAR); Moral: 33 linhas. (5º LUGAR); Eliminação das quatro causas de erro: 32 linhas (6º LUGAR); Ótica: 31 linhas (7º LUGAR). A este dado quantitativo soma-se o reforço da citação de SCIACCA, Michele Federico. *História da filosofia*. p. 237: “Bacon é um dos precursores da ciência moderna, inclusive por ter visto que somente (sic) com a matemática as outras ciências podem constituir-se como tais.”

⁶⁵ Arrisco a possível interpretação: *Ciência Experimental* (4ª Parte) seria o critério interpretativo de todo o resto, uma vez que ocupa o centro das sete divisões. Eis o suposto quiasmo (A'. Eliminação das quatro causas de erro. B'. A Sagrada Escritura como fonte de todo o saber. C'. Moral. D. Ciência Experimental. C''. Ótica. B''. Matemática. A''. Conhecimento de línguas). Assim, as três partes que lhe são anteriores (A', B', C') preparam-na (D) e as outras três posteriores (C'', B'', A'') conduzem-na à conclusão. Com isto a Moral (C') e a Ótica (C'') seriam as ciências mais próximas à Ciência Experimental, visto que regulam as suas condições éticas (C') e possibilitam as diversas perspectivas desde onde se pode ver a realidade (C''); a segunda esfera circundante da Ciência Experimental seria constituída pela Sagrada Escritura e pela Matemática, onde se estabelece a sua fonte (B') e o seu fundamento seguro (B''); por fim a última esfera, mais distante do centro, mas que constitui a sua primeira camada protetora e possibilitadora é formada pela Eliminação das causas de erro (A') e pelo conhecimento de línguas (A'') que

de fora as duas primeiras partes a fim de buscar a ciência central, neste caso o centro seria ocupado pela *Ótica*, igualmente não faltariam argumentos para defender tal tese, visto ser este o campo em que R. Bacon mais fez progressos em suas experiências, estudos e invenções. Outra hipótese constituiria o *estudo das línguas* como o central e afirmaria que “Bacon tinha razão em dizer que a conquista do saber passa pelo conhecimento das línguas”⁶⁶, pois “(...) o primeiro dever do sábio é estudar as línguas!”⁶⁷, sem as quais seria impossível conhecer as sete partes da obra⁶⁸.

Enfim, este conjunto de hipóteses poderia ser ampliado para todas as disciplinas, entretanto, nenhuma faria justiça à interconexão das partes na totalidade complexa. Decretar uma ou outra como primaz equivaleria matar a dialética baconiana, segundo a qual uma determinada parte da obra somente tem sentido na relação de diferença e complementaridade que estabelece com as outras.

Que não me seja feita a objeção de ter afirmado que cada uma das ciências que enumerei está em função das outras e que uma não pode ser conhecida sem as outras; na realidade, todas as ciências estão interligadas como um todo com suas partes e cada uma, portanto, não é apenas útil a si mesma mas também às outras.⁶⁹

Certamente é nisto que reside a maior contribuição de R. Bacon para a atualidade das ciências e para a forma como os diversos saberes podem se relacionar entre si nas universidades⁷⁰. Mais ou menos 8 séculos antes do surgimento de autores críticos da

têm o sentido de evitar os possíveis erros metodológicos, conceituais e de linguagem, sobretudo no que diz respeito às traduções.

⁶⁶ ECO, Humberto. *O nome da Rosa*. p.162.

⁶⁷ Idem. p. 351.

⁶⁸ Sem o grego, hebraico, latim e árabe não há, para Bacon, como ser sábio em Direito, Bíblia, Filosofia, Teologia, Ciências...

⁶⁹ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.77.

⁷⁰ Poderá a universidade tornar-se jovem, ou seja, compreender-se para além dos esquemas sedimentados da divisão do trabalho? Será possível a interconectividade, das aulas, dos conteúdos, das disciplinas, dos cursos, dos centros, das demandas trans-universitárias... “entre si” e de “uma para com as outras”? De que forma são construídas as relações entre os diferentes saberes produzidos pela universidade? Quem relaciona uma dimensão com a outra? Cada sujeito do conhecimento sabe situar a sua particularidade nesta totalidade? Será possível, em plena era de crises, sem projeto coletivo claro vencer o “mecanismo de defesa” do isolamento, derrotar a lógica do “salve-se quem puder” e abrir-se para novas relações?

hiperfragmentação; distante, no tempo, das novas teorias holísticas, das propostas de complexidade e interdisciplinaridade⁷¹; o medievo-moderno Roger Bacon se mostra mais contemporâneo do que nunca.

3.2 As relações das ciências fundamentais entre si e para com os seus fundamentos

Com base no que já fora dito, é preciso compreender as ciências que seguem, de forma interligada com a filosofia, a teologia e as outras ciências. A primeira delas, a *Moral*, conjuga em si, de forma muito direta, a filosofia e a teologia, constituindo-se assim no momento transitório do primeiro agrupamento da obra (1ª e 2ª partes) para o segundo formado pelas cinco ciências (Da 3ª à 7ª). De acordo com a exposição descendente⁷² cabe à *Moral*, o papel mais nobre das cinco disciplinas, constituindo-se assim, na finalidade última de toda a sabedoria humana. Ela é denominada como “a senhora de todas as outras ciências” e de todos os setores e âmbitos da vida: teológico, social, pessoal, religioso e legal⁷³. Isto provoca uma ruptura com a tradição escolástica, cuja primeira ciência era a Metafísica, e também quebra com os padrões cientificistas atuais que não aceitam os elementos morais, éticos e bioéticos. Se a ciência moderna tivesse incorporado a proposta

⁷¹ Com isto não se pretende desconsiderar estes autores, pensadores, pedagogos, cientistas, pelo contrário, quer-se reconhecer os seus esforços no resgate de algo que, por conta da divisão social do trabalho, a modernidade desconsiderou. Entretanto, para que se faça justiça histórica, é preciso perceber que a “complexidade”, a “interdisciplinaridade”, a perspectiva de “totalidade”... não são invenções *ex nihil* da contemporaneidade, uma vez que encontram na história muitos defensores e propagadores, dos quais, Roger Bacon é um. Ele próprio sabe-se pertencente a uma tradição de defensores destas propostas interdisciplinares, tanto é que para defender a proposta cita a proposta interdisciplinar de Cícero (*Tusculanae disputationes*, livro II, 1280, 6-7 das *Quaestiones Tusculanae*) a fim de reforçar a sua idéia cf. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.77.

⁷² Forma recomendada por Roger Bacon, que afirma ser “(...) melhor ler a obra por inteiro em sua ordem (...)” (BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.89), porém, dada a interligação das partes que a compõe também é possível, segundo ele, ler “(...) algumas páginas de qualquer uma das sete partes e, uma vez visto de que se trata, passar a outra” (Idem. p. 90) porque tudo está conectado com tudo.

⁷³ Estas constituem as cinco partes da *Moral*. cf. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 72.

baconiana, talvez a Igreja⁷⁴ nem precisaria ter que declarar: “Mas aquilo que é tecnicamente possível não é necessariamente, por esta mera razão, admissível do ponto de vista moral”⁷⁵.

Ao pôr a Moral como a primeira das disciplinas fundamentais, R. Bacon revela uma de suas inovações mais escondidas pelo utilitarismo moderno que ressaltara a sua dimensão científica e recalcará a sua preocupação Moral como “medievalismo”. O momento presente deve recolocar a questão, sob pena deste modelo nocivo de ciência comprometer a vida do único planeta onde até então é tecnicamente possível viver. Assim, ao invés de “purificar” R. Bacon de sua preocupação Moral, é preciso e urgente resgatar, de forma atualizada, esta dimensão perdida pelo pragmatismo moderno. A ciência precisa ser desdivinizada, enquanto isto não ocorrer, ela continuará agindo a partir dos altos céus de sua plenipotencialidade, condenando a dimensão ética como restrição extracientífica, e, (des)qualificando como obscurantismo extemporâneo as interpelações teológicas⁷⁶.

Ao desabsolutizar o conhecimento, R. Bacon resgata os elementos da literatura sapiencial⁷⁷ do Antigo Testamento e os relaciona com aqueles provenientes da filosofia iniciada com Sócrates que lhe permitem compreender a verdade como a introdução ao bem e as correlações entre sabedoria e atos virtuosos, e, conhecimento e ato reto da vontade. Diante disto, não se torna

⁷⁴ Não somente a Igreja, mas também um conjunto significativo e cada vez maior de cientistas, líderes religiosos, filósofos, epistemólogos, bioeticistas, ecologistas, militantes sociais... vêm endossando este mesmo discurso.

⁷⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Donum vitae*. n. 4.

⁷⁶ Cf. PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Problemas atuais de bioética*. p. 185.

⁷⁷ Os discursos pós-modernos afirmam que a humanidade se encontra na “era da informação”, na “sociedade do conhecimento”, na valorização do “capital intelectual”, em “domínio e manipulação da vida”... e esquece-se de que a ciência, o conhecimento e a filosofia devem produzir *sabedoria*, a única que pode colocar a questão ética. Na Agenda latino-americana de 2006, p.36, o patrono da Fundação José Ortega e Gasset e doutor em sociologia e direito Emilio Lamo de ESPINOSA escreveu um pequeno, mas denso artigo, intitulado: “Informação, ciência e sabedoria”, neste cita um trecho do poema de T. S. Eliot intitulado *A rocha*, que afirma: “invenções sem fim, experimentos sem fim, nos faz conhecer o movimento, mas não a quietude, conhecimento da palavra, mas não do silêncio, das palavras, mas não da Palavra”. E continua: “Onde está a sabedoria que perdemos com o conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos com a informação?” Outros têm se dedicado a esta mesma questão Fernando Lolas STEPKE e José Geraldo de Freitas DRUMOND em sua obra “*Fundamentos de uma antropologia bioética: o apropriado, o bom e o justo*” são exemplos disto, um de seus subitens é intitulado “informação, conhecimento e sabedoria”.

tão impressionante que Bacon tenha apontado tal necessidade há 8 séculos atrás, o mais espantoso é que, ainda no século XXI, em plena civilização desenvolvida, seja necessário cobrar que a ciência tenha consciência e responsabilidade moral, e ainda, não entenda isto como castração do espírito científico.

Após a Moral, Bacon trata da *Ciência Experimental* e a desenvolve sem abandonar o hábito religioso e nem os seus conhecimentos filosóficos. Para ele a experiência é necessária a fim de verificar e confirmar as verdades que somente podem ser conhecidas a partir deste método, entretanto, tal método é carente de filosofia e teologia. Como homem de fé reconhece que o mundo natural da matéria, investigado pela *Ciência Experimental*, foi criado por Deus a partir do nada, e deste reconhecimento brota a conclusão necessária de que tanto a *Ciência Experimental* quanto as *Escrituras*⁷⁸ desembocam na mesma fonte de sabedoria, não havendo, portanto contradição entre elas.

Como se não bastasse isto, “distingue êle (sic) uma dupla experiência: a do **sentido externo (per sensus exteriores)**, humana, que nos faz conhecer o mundo sensível (as verdades naturais); e do **sentido interno (scientia interior)** ou iluminação interior de Deus, a qual culmina no **raptus**”⁷⁹. Faz-se necessário ressaltar que, mesmo distintos, tais sentidos se relacionam um com o outro, “assim a experiência mística completa a experiência científica”⁸⁰. Esta compreensão é fundamental para diferenciar-se o possível “empirismo”⁸¹ de R. Bacon do empirismo moderno que não admite a dimensão mística e não compreende experiência como “compenetração no processo vital do todo”⁸².

Com isto, R. Bacon sintetiza os elementos tratados de forma unilateral tanto pelo idealismo quanto pelo empirismo. R. Bacon apresenta como a primeira prerrogativa da *Ciência Experimental* o dado de que ela é a única que reúne qualidades que faltam a todas as outras pois não ignora nem os argumentos racionais (provindos do idealismo) e nem as experiências (provindas do empirismo), assim como também não se fecha em nenhuma destas polaridades. Disto decorre que a experiência não se torna geral e indefinida e os

⁷⁸ E também todas as outras partes, principalmente a *Ótica* tal como será trata em breve.

⁷⁹ SCIACCA, Michele Federico. *História da filosofia*. p. 236.

⁸⁰ Idem, p.236-237.

⁸¹ Enquadrar R. Bacon nesta categoria seria distorcê-lo, mataria, por exemplo, o agostianismo (“iluminação interior” in. *De Magistro*, XI- XIV) herdado de Oxford que lhe permitira dar um sentido místico para a “experiência”.

⁸² REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Do humanismo a Kant*. p. 173.

seus argumentos não se tornam vazios e abstratos⁸³. Assim, a *Filosofia* e a *Teologia* ganham corpo (experiência) e a *Ciência Experimental* ganha alma (sentido).

Por isto, tal ciência, pode, no entender de R. Bacon, atingir as grandes verdades inalcançáveis por qualquer outro saber. Daí advém seu senhorio absoluto, que distribui ordens às suas criadas, e utiliza todas as outras em favor da *Ciência Moral*⁸⁴, tal como expressam *duas analogias* criadas por R. Bacon. A *primeira* compara a *Ciência Experimental* à ciência da navegação que dá ordens aos carpinteiros (as outras ciências) sobre o modo de construir navios; e a *segunda imagem*, a compara à arte militar que ordena a arte dos ferreiros (as outras artes) a respeito da construção das armas⁸⁵. Dada a sua importância, R. Bacon recomenda à Igreja o estudo desta ciência, a fim de que ela possa desvendar os novos segredos do mundo natural e colocá-los a serviço da humanidade.

A mesma dinâmica de múltiplas relações entre os saberes e ciências acompanham a exposição das outras disciplinas. Ele apresenta a *Ótica* de forma ampla, abrangendo as lentes, os espelhos, a visão, a composição do olho, a propagação da luz, o conhecimento do mundo, as perspectivas, as partes da alma, as formas matemáticas (linhas, curvas, ângulos...), o fluxo e o refluxo do mar, a maneira de obter a saúde e evitar a doença, etc. De modo algum a reduz apenas a um de seus aspectos, mas abarca a sua totalidade abordando suas características espirituais, biológicas, epistemológicas, cognitivas, matemáticas, técnicas e tantas outras⁸⁶.

A *Ótica* é, também, um dos campos de aplicação prática da matemática, uma vez que ela somente pode ser conhecida de forma perfeita a partir das regras impostas pelo método geométrico. São estas relações interdisciplinares que a tornam ampla e a tornam

⁸³ cf. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.72-73.

⁸⁴ “Essa ciência se utiliza de todas as outras ciências, em favor da ciência moral” BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p.74. Ao mesmo tempo em que o cientista R. Bacon reconhece o poder desta ciência já se encarrega de lhe dar o necessário sentido moral. Com esta *Ciência Experimental* a modernidade teria produzido os absurdos de Genocídios e etnocídios dos povos pré-colombianos, Hiroshima, Nagasaki, Holocausto de judeus, armas químicas, mísseis conduzidos por satélites, descobertas médico-científicas a favor de alguns e inacessível a uma multidão de outros?

⁸⁵ Cf. BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 74. Paralela à obra *Física* de Aristóteles II 2,194b,1-8.

⁸⁶ Na “*Carta ao papa Clemente IV*”, Bacon afirma que se trata apenas do seu projeto de pesquisa, na parte da *Ótica*: “O tratado que Vos apresento é composto de nove distinções com seus respectivos capítulos...” op. cit. p.76.

capaz de explicar a ação da luz e o sentido da vista, – o que seria normal de se esperar – mas também possa ser aplicada a todas as realidades do universo e dos outros sentidos. Ao abordá-la como “perspectiva” R. Bacon indica a possibilidade de dois caminhos, “um consiste em ver as coisas na perspectiva do Criador, o outro em vê-las sob o ponto de vista da matéria”⁸⁷. Isto joga a *Ótica* em relações diretas para com a teologia, a filosofia e as ciências, sobretudo a matemática em seus conhecimentos geométricos. A *primeira perspectiva* consiste em olhar o universo *a partir de Deus*, que o fez a partir do nada e imprimiu na matéria criada o seu objetivo que desde sempre está articulada com Ele. O outro caminho, da *segunda perspectiva*, é percorrido *na perspectiva da Matéria*, entendida como força multiplicativa e transformadora, cuja compreensão reside nas linhas, ângulos e figuras, tanto nos órgãos da vista quanto nos elementos naturais. Assim, se a ordem temporal (2ª perspectiva) foi posta por Deus (1ª perspectiva) então é possível reencontrá-lo no mundo finito⁸⁸.

Para além desta capacidade de articulação entre razão (2ª perspectiva) e fé (1ª perspectiva) que a ótica baconiana foi capaz de desenvolver há ainda que se tratar da *Matemática*⁸⁹, a disciplina interdisciplinar por excelência.

Seu campo de aplicação é bastante mais extenso do que o das outras ciências, porque, de certa forma, encontra aplicações em todas e se ocupa de todas. Certamente na ciência experimental se obtém verdades maiores, mas na matemática se consegue verdades mais esplêndidas do que em qualquer outra ciência.⁹⁰

R. Bacon não apenas proclama isto como já oferece uma amostra antecipada do que pretendia fazer em sua obra aplicando a *Matemática à ciência ótica*, às *doutrinas físicas*, aos *conhecimentos teológicos*, à *reforma do calendário*, à *astrologia política*, já abordadas de forma concisa no transcórre do artigo.

⁸⁷ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 77..

⁸⁸ Compreensão franciscana no que diz respeito às relações entre o transcendente e o imanente.

⁸⁹ Segundo R. Bacon a *Matemática* contém mais de 14 outras ciências, sendo no mínimo 4 delas (geometria, aritmética, astrologia e música.) duplicadas em partes especulativas e práticas sem contar o seu grande número de subdivisões.

⁹⁰ BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 77.

Conclusão

Da metafísica Escolástica para a metafísica do Capital⁹¹

Assim, mesmo se tratando de um projeto de pesquisa escrito, em uma carta, “(...) de forma sumária e de maneira geral, de modo incompleto”⁹², ainda em aberto⁹³ e carente dos recursos necessários para sua concretização..., ainda assim, é possível aproveitar preciosas e pertinentes construções metodológicas para o contexto atual do conhecimento e de seus sujeitos. Porém, ressalta-se que assim como são inesgotáveis as múltiplas e complexas interconexões das partes da obra enciclopédica⁹⁴ entre si, assim também são inúmeras as suas relações possíveis para com a situação contemporânea. Deste modo, o que segue não passa de um esforço desprezioso, parcial e incompleto.

Como já anunciado, maior contribuição de Roger Bacon para esta época de crises generalizadas reside em sua inovação metodológica e não tanto em seus conteúdos particularizadas já bastante reconhecidos pela modernidade. Ao fazer o Bacon do século XIII falar ao século XXI não há como correr o risco de distorcê-lo, entretanto, esta forma inexata é a única possível e não deve causar nenhum mal estar porque o próprio Bacon⁹⁵ e tantos outros pensadores já fizeram o mesmo. Assim, arrisca-se afirmar que a proposta baconiana poderia ser assim condensada para a atualidade: *A necessidade do estabelecimento de novas relações dos saberes entre si em prol da construção de um projeto coletivo e ético*. Tal conclusão pode ser desdobrada em 3 momentos

⁹¹ cf. MARX, Karl. *A miséria da filosofia*. Cap. 2. “A metafísica da Economia Política”.

⁹² BACON, Rogério. *Carta ao papa Clemente IV*. p. 91.

⁹³ Ele faz questão de afirmar que precisa complementar, repensar, reformular, criticar o que até então produzira, elevando-se assim das partes até chegar ao todo. cf. Idem.

⁹⁴ Como na *Carta* escrita por R. Bacon tudo está relacionado com tudo, muitas outras conexões são possíveis, este artigo não teve a pretensão de exauri-las. O caminho para novas descobertas, relações, aplicações, interpretações... ainda se encontram abertos.

⁹⁵ “(...) farei uso, sem medo, das opiniões dos filósofos.” (*Carta ao papa Clemente IV*. p. 44.) E logo em seguida cita Santo Agostinho (em seu segundo livro *Da Doutrina Cristã*) que afirma que os cristãos devem se apropriar dos filósofos como seus donos ilegais.

espirais⁹⁶: **1)** Análise dos elementos geradores das crises; **2)** Crítica ética (teológico-filosófica) às exigências impostas pela lógica do capital – Anticristo gerado pelo capitalismo; **3)** Construção interdisciplinar de um projeto coletivo capaz de romper com os mecanismos de defesa auto-preservacionistas de cada saber em particular.

Com isto, é possível perceber que a crise do conhecimento e da universidade não está desvinculada das outras crises, que encontram sua fonte no Capital, elemento ordenador do mundo capitalista. Em sua história, o capitalismo criou dispositivos estruturais que intensificaram a divisão social do trabalho separando o *capital* do *trabalho*, a atividade *espiritual* da *manual*, o *lucro* do *salário*, etc. Isto atingiu diretamente o campo do conhecimento e a organização das universidades como tal. Com a imposição da lógica mercantil globalizante esta relação se tornou ainda mais profunda, não simplesmente por tornar o conhecimento mercadoria e criar a “universidade de serviços e de resultados”⁹⁷, mas também em ter aprofundado as dicotomias entre *instrução* e *educação*, *ciência do espírito* e *ciência natural*, *formação humana* e *saber tecnológico*, *informação/conhecimento* e *sabedoria*. Com sua única preocupação financeira imediata, o neoliberalismo, decretou o fim cultura filosófica, teológica e humanística produzida nos milênios que o antecederam. Suas quantificações, sede de lucro imediato, maximização dos resultados, o acúmulo de cifras... tornaram as ciências humanas irrelevantes e todo o saber vinculado a elas passaram a ser combatidas pelo capital como entrave do desenvolvimento. Neste contexto de competição, não há tempo para as questões propriamente humanas e o próprio progresso não consiste mais em criar um paraíso para a humanidade e nem mesmo em vencer o jogo competitivo do mercado, mas sim, se manter nele⁹⁸. Desta mesma forma que agem os indivíduos também age cada ramo do saber, cuja luta pela auto-preservação os leva a fecharem-se sobre si mesmo, tal como se o inimigo fosse o outro saber. Na competição dos projetos individualistas, cada um aparece como a negação do outro, com o qual compete para constatar qual

⁹⁶ Aqui, um somente vem após o outro por mera necessidade formal, porém, todos estão imbricados um no outro e envoltos por uma complexa totalidade de interconexões, nas quais não há ponto de partida e nem primazia.

⁹⁷ Marilena Chauí. Apud. MUSSE, Ricardo. *Universidade de resultados*. In. Dossiê o conflito das universidades. Revista Cult. p. 58.

⁹⁸ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Entrevista: A utopia possível na sociedade líquida*. Revista Cult. p. 16.

deles é o mais importante, fechando assim, as condições que possibilitariam a verdadeira relação entre eles.

Nestes embates as ciências do espírito foram as que mais sofreram com a lógica do impressa pela intensificação da divisão do trabalho e, por isso, encontram-se em desvantagem na corrida por “um lugar ao jogo”. Com a intenção de se salvarem desta perseguição estrutural e ganharem reconhecimento, algumas das ciências humanas, tentaram reinventar-se como naturais, biológicas ou exatas a fim de não mais serem classificadas como “humanidades”, que contemporaneamente são concebidas como “irrelevantes”⁹⁹.

Com isto já é possível analisar as conseqüências destas epistemologias veladas e objetivas: Os saberes não mais se relacionam entre si; um bloco julga-se mais relevante que o outro; o menos importante quer abandonar as suas identidades para se tornar o mais semelhante possível com o modelo dominante; as ciências humanas/do espírito deixam de realizar o seu trabalho crítico, abandonam a construção de valores, sentidos e significados; abdicam do contato dialógico com a comunidade para se vincular ao mercado; etc. Com isto todos saem perdendo, a organização popular que sente o mundo acadêmico distante de si, as ciências humanas que perdem as suas especificidades, as ciências hegemônicas que ficam entregues ao cientificismo inconsciente e inconsequente, etc.

Sem a análise e a crítica a esta presença do Capital na origem de todas as crises da contemporaneidade, e mais especificamente nas crises do conhecimento e da universidade, corre-se o risco de se realizar uma série de críticas pontuais à fragmentação do conhecimento, ao gerenciamento industrial das instituições de ensino, à cobrança da excelência total, à avaliação quantitativista das produções científicas... sem precisar quem é o verdadeiro “Anticristo” desta história. O combate a ser travado não é mais entre filosofia, teologia e ciência, mas sim destes contra a lógica do Capital que dita os rumos do mundo¹⁰⁰ prejudicando todas as formas de conhecimento, cuja prática é corrente para com todas as formas de vida do planeta.

⁹⁹ Alguns alunos das disciplinas filosóficas que são comuns e obrigatórias a outros cursos costumam dizer: “Para que eu tenho que saber disto?”; “Isto não vai me servir para nada!”; “O que eu ganho com isto?”. Mais do que concepções individuais estas são ideias disseminadas pelo próprio sistema econômico-social.

¹⁰⁰Cf. MUSSE, Ricardo. *Universidade de resultados*. In. Dossiê o conflito das universidades. Revista Cult. p. 58.

Não como uma etapa posterior, mas sim concomitante com a análise, já é possível criticar a condição vigente à luz da preocupação ética, tão necessária, segundo Roger Bacon, para a orientação da prática de pesquisa interdisciplinar, bem como para guiar a vida como um todo. Este momento deve acontecer junto com o precedente por conta da total impossibilidade crítica (ética, qualitativa, humana, significativa¹⁰¹) ocorrer dentro de um sistema que deixa tudo que é crítico (ético, qualitativo, humano, significativa) de fora, isto porque tal sistema está configurado aos ditames pragmáticos (utilitários, quantitativos, do valor de troca, Capital) da mercantilização da vida. A partir disto percebe-se o enorme desafio em atualizar a *Ciência Moral baconiana*, gerada no combate à metafísica Escolástica, e deve ser atualizada no enfrentamento à metafísica do Capital. Por isto que não há como propor novas relações entre as disciplinas, ou entre os cursos, ou ainda da universidade para a comunidade, sem que estes projetos não estejam aliados à análise crítica ao sistema vigente, e mais, na construção de projetos coletivos. Sem isto, tais propostas não passarão de meros “*sopros de vozes*”.

Numa dinâmica de análise crítica da realidade e na construção coletiva do mundo que se quer será possível realizar o grande sonho de Roger Bacon. Com isto poderão ocorrer as tão sonhadas interpenetrações das disciplinas entre si, sem que nenhuma perca a sua identidade, e, ao mesmo tempo se enriqueça complementando-se e desenvolvendo-se com as outras. Sem transcender o sistema vigente não há como romper com os mecanismos de defesa que apregoam a auto-preservação de cada saber/ de cada indivíduo em seu casulo. Desta forma atualizada R. Bacon poderá oferecer as suas lições práticas de “abertura ao outro”, “co-dependência”, “complementaridade”, “visão global da realidade”, “complexidade”. A partir disto, torna-se possível promover o reencontro fecundo entre filosofia (sabedoria), teologia (fé) e ciência (conhecimento), desafio esta, sempre proposto para esta contemporânea de R. Bacon – a Universidade (sobretudo confessional).

Abstract: This paper is an attempt to reinterpret the restless and misunderstood philosopher, theologian and scientist Roger Bacon (1210-1294) to beyond the *medieval apologies* and *modern preconceptions*, to the extent it is possible. The article focuses on his “*Letter to Pope Clement IV*”, although I also use other authors with whom I aimed to set a dialog in order to update R. Bacon’s production. To do so, the image

¹⁰¹ cf. MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Cap. 1.

that the scientist modernity has ascribed to R. Bacon was deconstructed. Thus, the complexity, interdisciplinarity, globality and morality of his knowledge was rediscovered, in order to understand the new, possible and necessary relationships among philosophy, theology and science guided by ethics and permeated by different knowledge.

Keywords: Roger Bacon; Philosophy; Theology; Science; Interdisciplinary; Complexity.

Referências Bibliográficas

BACON, Rogério. Carta ao papa Clemente IV. In. *Pensamento Franciscano - Obras escolhidas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista: A utopia possível na sociedade líquida. *Revista Cult*, São Paulo, n.138, p. 14-18, ago. 2009.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Donum vitae*: 1987. Disponível em: <<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19870222_respect-for-human-life_po.html>> Acesso em: 24 jul. 2009.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ECO, H. *O nome da Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

ENCICLOPÉDIA SIMPOZIO. *Escolástica de ouro: Mestres franciscanos do séc. treze*. 1997. Disponível em:<http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/Megahist-filos/Esc_Ouro/8171y320.html> Acesso em: 24 jul. 2009.

ESPINOSA, Emilio Lamo. Informação, ciência e sabedoria. In. *Agenda latino-americana mundial 2006: Para outra humanidade, outra comunicação*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 36.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARITAIN, Jacques. *Rumos da Educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1959.

MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre Educação e Ensino*. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

- _____. *O Capital: crítica da economia política*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1981, p. 174.
- MOREIRA, Alberto da S.; RAMMINGER, Michael; SOARES, Afonso Maria L. (orgs). *A primavera interrompida: O projeto Vaticano II num impasse*. 2005. Disponível em:<<http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK2.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2009.
- PAPA PAULO VI. *Dei Verbum*. 1965. Disponível em:<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbum_po.html> Acesso em: 31 jul. 2009.
- PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Problemas atuais de bioética*. 7. ed. São Paulo: São Camilo; Edições Loyola, 2005.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 1. v.
- _____; _____. *História da filosofia: Do humanismo a Kant*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005. 2. v.
- SANTIDRIÁN, P.R. *Breve Dicionário de Pensadores Cristãos*. Aparecida: Santuário, 1997.
- SANTO AGOSTINHO. *De Magistro*. 3. ed. São Paulo: Abril cultural, 1984.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SANTOS, Laymert Garcia dos; BIACHI, Alvaro; BRAGA, Ruy; MUSSE, Ricardo; COHEN, Yves; SAFATLE, Vladimir. Dossiê o conflito das universidades. *Revista Cult*, São Paulo, n.138, p. 44-65, ago. 2009.
- SCIACCA, Michele Federico. *História da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 3. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967. 1. v.
- SILVEIRA, Frei I. *Frei Roger Bacon visto pelos estudiosos*. 1996. Disponível em:<<http://www.saoboaventura.edu.br/expoentesdesaescola/idelfonso.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2009.

STEPKE, Fernando Lolas; José Geraldo de Freitas DRUMOND. *Fundamentos de uma antropologia bioética: o apropriado, o bom e o justo*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2007.

VIGIL, J. M. (org.). *Bajar de la cruz a los pobres*. 2007. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/ASETTBajarDeLaCruz2.pdf>> Acesso em: 1 jun. 2009.

